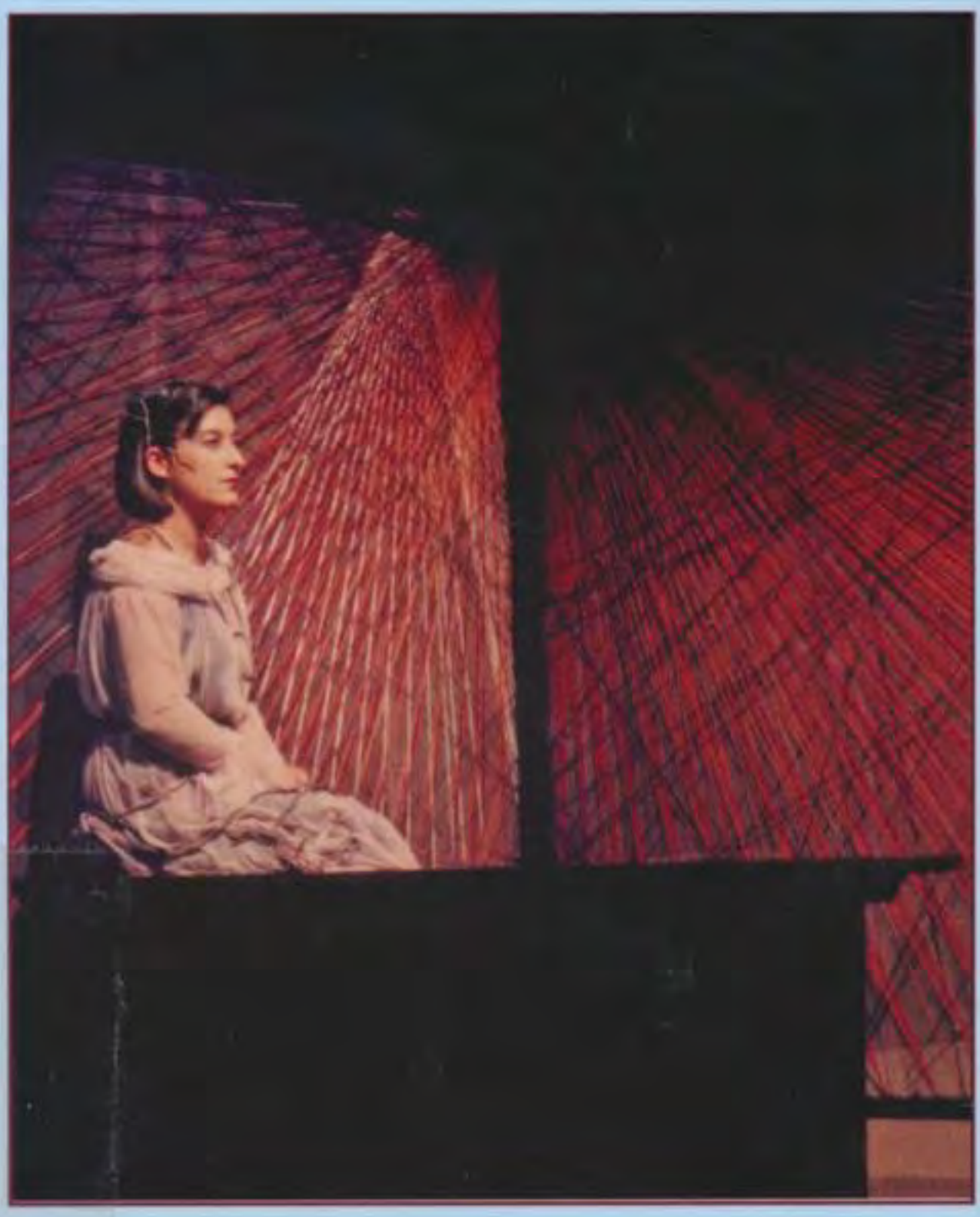
TERESA RITA LOPES

TEATRO REUNIDO

I



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

Título: Teatro Reunido
Vol. I

Autor: Teresa Rita Lopes

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Março de 2007

ISBN: 978-972-27-1386-3

Depósito legal: 248 289/06

TERESA RITA LOPES

TEATRO REUNIDO

I

Organização e prefácio de SEBASTIANA FADDA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2007

ANDANDO ANDANDO

[1987]

ANDANDO ANDANDO

PERSONAGENS:

ELE
ELA

Um lugar que é talvez uma gare, talvez o cais donde partem navios de que se ouvem, ao longe, os apitos. Ele (um rapaz) chega como de uma jornada longa; traz, ao ombro, uma trouxa dependurada de um pau. Olha em volta, procura um degrau, uma pedra, e senta-se. Pousa a trouxa. Vai para a desatar, mas hesita.

ELE — Será meu amigo, este lugar? *(Um longo apito, ao longe, como um mugido.)* Se fosses uma vaca estavas a dizer que sim. Assim, não sei. Diz-me, lugar, quem és tu? *(Ouve-se um estridulo canto de grilos.)* Tão depressa parece que estou perto do mar como no meio do campo, numa noite de Verão. *(Respira fundo.)* A terra cheira bem. Diz-me, terra, convidas-me para ficar? Para dormir contigo? *(Silêncio. E, de repente, um piar de gaivota.)* Mau, Maria! Então és terra ou és mar...? Em que ficamos? *(Ouvem-se uns cães, a grande distância.)* Ora dizes coisas com voz de bicho de terra ora me respondes com som de coisa de mar... *(Entra alguém. O vulto define-se, aos poucos: ainda no escuro, talvez de costas, Ele pergunta:)* Quem és tu? *(O vulto dá um passo: percebe-se que é uma mulher.)* És uma mulher? *(Ela dá mais um passo.)* Que fazes aqui? *(Ela avança mais: vê-se-lhe o contorno do corpo e da cara.)* És nova! *(Ela avança mais e fica com o rosto iluminado.)* És bonita...! Quantos anos tens?

(Ela, em silêncio, avança mais e percebe-se que tem um corpo airoso de bailarina. Ou de menina de circo. Traz uns sapatos de cetim, entrançados nas pernas.)

ELE — És do circo...? *(Ela faz uma pirueta.)* Que giro! Vou fazer como tu! *(Estatela-se. Levanta-se, envergonhado.)* Escorreguei... Agora é que vale! *(Tenta de novo e outra vez se estatela. Ela manifesta-se pela primeira vez: ri em voz alta.)* Se tu és capaz por que é que eu não hei-de ser? *(Nova tentativa desesperada, novo falhanço. Ela ri cada vez mais. Pára, para olhar para Ele, e recomeça com mais força.)* Lá fazer pouco também não vale! *(Ela redobra o riso.)* Não estou treinado, é o que é. Se eu quisesse fazia muitas vezes e conseguia, fica sabendo! *(Ela não consegue parar de rir.)* Veja lá a graça... Não sabes falar, só rir, rir, sem tino... Parece que te estão a fazer cócegas... *(Ela tem novo acesso de riso.)* Quando eu andava na escola o professor dizia: Muito riso, pouco siso. *(Silêncio. Ele senta-se de novo na sua pedra. Abre a trouxa, tira uma maçã e dá uma dentada.)* Como te chamas, diz lá, ao menos? *(Silêncio. De novo um apito ao longe.)* És da terra ou do mar? *(Rumor de grilos.)* Queres uma dentada? *(Estende-lhe a maçã. Ela acerca-se e dá uma dentada.)* Ah! Pelo menos dentes, tens. E língua...? Tens língua...? Ou veio um dia um gatinho e comeu-ta...? *(Ela dá outra dentada na maçã.)* Não tens língua mas tens fome! *(A uma ideia súbita:)* Se calhar falas uma língua estrangeira e eu estou pr'aqui feito parvo a falar sozinho... *(Ela ri-se.)* Mas se não percebes por que é que te ris?

ELA — Mas por que é que só sabes fazer perguntas?

ELE — Olha! Tem língua e é portuguesíssima! Como te chamas, diz lá! *(Silêncio. Ela dá outra dentada na maçã.) Do you speak portuguese?* És bifa ou quê? *Parlez-vous portugais, mademoiselle...? (Espera, mas ela não responde.)* Que-pe lin-pin gua-pa fa-pa las--pas tu-pu?

(Ela ri-se, de novo, e responde.)

ELA — Não-pão gos-pos to-po de-pe tan-pan tas-pas per-pe gun--pun tas-pas!

ELE — Só posso perguntar ou responder. Se tu não perguntas nada, não posso dar respostas. Como é que havemos de falar?

Ela *(canta):*

Que noite bonita!
Que bom respirar!

Responde! Diz qualquer coisa mais, como se fosse para acabar um verso.

Ele — Ah! Não sei fazer versos! Só sei achar rimas em «ão» e é feio que se farta!

Ela — Não precisas nada de rimar! Diz qualquer coisa, como quem canta. Assim:

Que noite bonita!
Que lindo luar!

Ele — Não está luar nenhum...

Ela — Mas vai vir. Se chamares por ele, vem.

Ele — Como se o luar fosse um cão a quem se diz buia-buia... Fazes-me rir...

Ela — Então ri. É bom rir.

Ele — Mas também se só sabemos rir parecemos parvos...

Ela — E que mal faz...?

Ele — Vês? Também fazes perguntas!

Ela — Mas não são para responder. Tens outra maçã? Gosto tanto de maçãs!

Ele — Gostas de maçãs ou tens fome?

Ela — Lá estás tu a fazer perguntas! *(Canta:)*

Que bom é ter fome!
Que bom que é comer!

Ele — Toma lá! Faz-me aflição ver gente com fome.